

Graffiti e *street art*: manifestações estéticas no Grande Porto

Luísa Silva¹

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do P. Porto

CEI - Centro de Estudos Interculturais, ISCAP

RESUMO

O *graffiti* e a *street art* tornaram-se num fenómeno urbano universal, intercultural e multidisciplinar. Hoje em dia, são um recurso relevante não apenas para a regeneração urbana e embelezamento de áreas degradadas e inseguras, mas também contribuem para a inovação cultural, coesão social e desenvolvimento económico das comunidades.

Recorrendo à multiplicidade de recursos da cultura do *graffiti* e da *street art*, encontramos alguns exemplos das iniciativas que têm sido realizadas na área do Grande Porto, tanto para benefício das populações locais, como na atração de turistas, integrados num mercado em ascensão de consumidores que procuram novas experiências.

Palavras-chave: Graffiti e street art, cultura, Grande Porto

ABSTRACT

Graffiti and street art have become a universal, intercultural and multidisciplinary urban phenomenon. Nowadays, are a relevant resource not only for urban regeneration and beautification of degraded and unsafe areas, but also contributes to the cultural innovation, social cohesion and economic development of communities.

Based on the multiplicity of resources of the graffiti and street art culture, we find some examples of the initiatives that have been carried out in the Big Porto area, both for the benefit of the local populations and the attraction of tourists, integrated in a rising market of consumers who are looking for new experiences.

Keywords: Graffiti and street art, culture, Big Porto

Introdução

De acordo com a legislação em vigor em Portugal, a prática do graffiti é proibida em locais públicos como monumentos e transportes públicos. A lei n.º 61 de 23 de agosto de 2013, “Estabelece o regime aplicável aos grafitos, afixações, picotagem e outras formas de alteração, ainda que temporária, das características originais de superfícies exteriores de edifícios, pavimentos, passeios, muros e outras infraestruturas.”

Esta legislação dá competência às Câmaras tanto para licenciar a inscrição de grafitos, afixações e picotagem, como para aplicar as coimas que variam entre os 100 e os 25 mil euros.

Qual o direito legal de intervencionar num determinado lugar, em determinado momento? A arte urbana faz parte da cultura portuguesa desde a Revolução de abril de 1974. O período pós-revolução foi amplamente investigado pelo etnógrafo Ricardo Campos que através das suas publicações (Campos 2010, 2018), nos dá a conhecer o percurso histórico, as influências e desenvolvimento da arte urbana, nomeadamente na cidade de Lisboa. Conforme menciona, nos anos seguintes à revolução, a arte urbana é predominantemente de conotação política.

As would be expected in that context, the iconography used in these forms of propaganda was infused with revolutionary imagery alluding to the ideological environment of the period. Given that most of the murals were painted by left-wing movements, it was not surprising to see figures such as Marx, Lenin, or Mao becoming familiar faces. These portraits were often accompanied by representations of collective types such as the people, the worker or the farmer, in mural compositions that were veritable revolutionary tours de force. A large part of these works was inspired by Soviet and Chinese muralism, reproducing the same technical and formal devices. However, we should stress that there was a wide range of works, and it was easy to find murals displaying a wide variety of formats and techniques. This

¹ Endereço de contacto: luisafonseca.silva05@gmail.com

owed not only to the number of “schools” connected to the different political players involved, but also to the type of militants recruited for these kinds of operations. Murals possessed a markedly collective element, and, in many cases, they were painted under the direction of artists. These pictorial murals coexisted with other forms of political expression, such as graffiti that were essentially in written form, usually made either to celebrate or to criticize certain events, political parties or figures. In these times of political combat, this kind of debate was frequently fought on street walls.” (Campos, 2018:115).

Enquanto nos anos 1980 e 1990 ainda era possível encontrar alguns exemplares sobreviventes dos murais revolucionários em Lisboa, no final do século, um tipo diferente de expressão, de influência norte-americana e sem teor político, tinha definitivamente começado a destacar-se (Campos, 2018). Conforme nos é dado a conhecer em *Porque pintamos a cidade? Uma abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano* (Campos, 2010), no final dos anos 90 do século passado, Lisboa sofre a influência do graffiti americano, alterando significativamente a paisagem urbana da cidade. “Graffiti of American inspiration replaced the old political murals, flooding Lisbon’s city scape. This kind of graffiti is made by youths, individually or in crews, and has an essentially apolitical character.” (Campos 2018: 116). Esta influência incitou a outros registos artísticos, mais criativos e de maior impacto visual.

Porto

No seguimento da competência dada às autarquias para autorizar as intervenções de street art, em março de 2014, ficou pronto o primeiro mural de graffiti legal do Porto, uma iniciativa do projeto RU+Aⁱ, com participação da CIRCUSⁱⁱ.



Figura 1. Mural CIRCUS. Foto Luísa Silva, junho 2018

Localizado no cruzamento da Rua Diogo Brandão com a Rua de Miguel Bombarda, os artistas Mesk, Fedor e Mots instalaram três personagens de “Dom Quixote de La Mancha”.

Apesar de ser uma iniciativa privada, não deixa de ter um especial significado a deliberada abertura política à prática artística no espaço público urbano, confirmada através da entrevista a Hugo Neto, administrador da Porto Lazer e publicada no jornal Público em 28.04.2014:

[...] Prosseguindo uma proposta inscrita no manifesto eleitoral de Rui Moreira – e elaborada, na altura, pelo atual vereador da cultura, Paulo Cunha e Silva – a Câmara do Porto quer “regulamentar” esta atividade, propondo sítios licenciados onde ela possa acontecer, mas recusa qualquer vontade de disciplinar a estética. “Temos de preservar a liberdade de intervenção, até política”, frisa Hugo Neto, admitindo apenas que, nalgumas paredes, em áreas específicas da cidade, possa ser proposto, no limite, um tema sobre o qual cada artista deverá trabalhar.

É do nosso entendimento que a Arte Urbana contribui para a valorização do espaço público”, nota Hugo Neto, assumindo que este tipo de intervenção pode ser conjugado com a reabilitação do edificado para a requalificação urbana e social de áreas degradadas. Para já, a Câmara do Porto está a elencar espaços

públicos, mas num segundo momento admite propor a privados a utilização de paredes de edifícios de comércio ou habitação, de modo a transformar a cidade numa galeria viva. [...]

Em abril do mesmo ano, a Câmara Municipal organizou a maior exposição de street art realizada na cidade, como uma homenagem à arte urbana e, em especial, à street art portuense. A Street Art AXA contou com 22 artistas nacionais e estrangeiros, cujas ações artísticas abrangeram os 5 pisos interiores do Edifício AXA. Paralelamente, e em parceria com a Portugal Telecom, a exposição estendeu-se ao exterior, na qual seis cabines telefónicas da Avenida dos Aliados foram intervencionadas pelo espanhol Okuda, pelo italiano Fra. Biancoshock e pelos portugueses Chei Krew, Costah, Hazul e Mesk. No que pretendeu ser uma homenagem à arte urbana e, em especial, à street art portuense, foi manifestamente conseguida pela afluência e envolvimento dos milhares de pessoas que a visitaram. De acordo com a notícia no jornal Público “Durante um mês, o prédio transformado em centro cultural é a nova “rua” do Porto. A rua da Street Art”. Também em setembro de 2014, como reconhecimento oficial desta atividade artística, a Câmara Municipal do Porto convidou os artistas Hazul e Mr. Dheo, para intervirem no parque de estacionamento da Trindade. Além da área de 250m², por si só, ser de grande visibilidade, está situada numa zona de grande circulação pedonal de acesso à estação do metro da Trindade.



Figura 2. Mural Parque de estacionamento da Trindade. Foto Luísa Silva, junho 2018

Segundo notícia do jornal Expresso em 10.09.2014, é intenção da autarquia “contribuir positivamente para a divulgação e sensibilização de criação artística em contexto urbano, incentivando a sua prática num enquadramento institucional autorizado”. Na mesma altura, decorriam intervenções artísticas, com excelentes resultados visuais, nas caixas de distribuição da energia elétrica na Rua das Flores e no Largo de S. Domingos, no âmbito da Street Art Porto-Caixas EDP. Posteriormente, em 2016, foi aberta uma segunda convocatória para serem intervencionadas 20 novas caixas situadas na Rua de Cedofeita, Rua Miguel Bombarda e na Travessa do Carregal.

A partir daí, multiplicaram-se os projetos pela cidade lançados pela autarquia, libertando paredes e muros para serem intervencionados, “com o objetivo de transformar a cidade num palco privilegiado para a arte urbana.” É o caso do Mural Coletivo da Restauração, onde em 2015 foram disponibilizados 70 metros do muro das traseiras do Palácio de Cristal, para intervenções de vários artistas com um caráter rotativo. Inicialmente, os trabalhos ficaram expostos durante 6 meses, entretanto, a partir da terceira fase, foram ampliados para 1 ano, assim como as ajudas de custo para a execução dos mesmos. Do mesmo modo, outros espaços foram intervencionados, como o Largo Artur Arcos com o mural de Daniel Eime. Na Rua da Madeira cujas intervenções foram inseridas no projeto Locomotiva, planeado para revitalizar a zona circundante da estação de São Bento, no qual se destaca o mural concebido por Miguel Januário “Quem és, Porto?”. Coordenado pelos professores e alunos do curso de Artes Visuais e Tecnologias Artísticas da Escola

Superior de Educação do Politécnico do Porto, contou com a participação da comunidade escolar através da pintura de azulejos nas suas oficinas.ⁱⁱⁱ



Figura 3. Mural “Quem és Porto?”. Fotos Luísa Silva, outubro 2017

Ou ainda, para quem entra na cidade pelo tabuleiro superior da ponte D. Luiz I, o mural do Anfitrião, criado por Frederico Draw. Assistiu-se assim, à explosão da arte urbana por vários pontos da cidade.



Figura 4. Anfitrião. Foto Luísa Silva, outubro 2017

Viabilizado pela Porto Lazer, com o objetivo de promover a cultura urbana, o Up Street Porto, inserido no Mercado de Arte Urbana, teve a sua primeira edição em dezembro de 2014. O evento, além de permitir aos artistas mostrarem e venderem os seus trabalhos de street art e de ilustração, está englobado num conjunto de atividades culturais que vão desde palestras, concertos e DJ sets, à envolvimento do público com os artistas através de workshops de ilustração, poster e graffiti. A primeira edição, no edifício AXA, contou com a participação de Alma, Elleonor, Fedor, Hazul,

Godmess, MaisMenos, Kino e Third. Em junho de 2015, teve uma nova edição ainda no mesmo local que encerra em novembro do mesmo ano, altura em que o UP Street Porto – Mercado de Arte Urbana se muda para o espaço devoluto da antiga dependência do Banco Montepio, também na Avenida dos Aliados. Nesse evento, em que participaram mais de 20 artistas, a organização dos diversos workshops ficou a cargo do projeto LATA 65^{iv}, orientado por Lara Seixo Rodrigues e Adres de forma a aproximar os menos jovens à arte urbana. A Caligrafia no contexto do graffiti, foi liderado por Xesta, Riscar no Vidro por Frederico Draw, Desenhar com Formas pelo Chei Crew e Queria Atividade-Projetos de Criação coordenado por Godmess. Depois das edições anteriores terem sido repartidas pelo edifício AXA e pelo Espaço Montepio, em 2016, o Mercado de Arte Urbana passa pelo Pavilhão Rosa Mota, no Palácio de Cristal para a partir de dezembro desse ano se realizar no Silo Auto. Em dezembro de 2017 o Up Street, Mercado de Arte Urbana, regressou ao sétimo piso do Silo Auto, na maior edição de sempre do evento, como se pode verificar pela quantidade de artistas que nele participaram. Aheneah, Ana Seixas - Illustration, Andy Calabozo, Ana Types Type, Bárbara R., Bina Tangerina, Bruno Lisboa, Catarina Glam, Catarina Rodrigues, Clara Não, Colectivo RUA, Conil, David Penela, Dylan Silva, Dub, Elleonor, Fedor, Francisco, Frederico Draw, Guel, Joana Estrela, João Xará, Kilos, Kino, Leonor Violeta, Los Pepes Studio, Luís Cepa, Marcos Martos illustrations, Malva, Mariana Malhão, Mariana PTKS, alunos do MIA Mestrado Ilustração Animação IPCA, alunos da Escola Superior de Design IPCA, Catarina Ferreira, Cató IluDe aka Ava, Filipa Namorado, Lina Andreia Dantas, Liz França, Nicolau Tudela, Patrícia Penedo's Illustration, Sara Bairinhas, Vera Lazera Illustration, Camila Nogueira, Sofia Santos, Gabriela Sá, Natz, Nuno Sarmento, oktree, Oker, Peri Helio, Preencher Vazios, Ricardo Parker, Rui Vitorino Santos, Royal Studio, Sara Malta, Solu, The Caver, Thiago Marçal, Third, Veshpa, Vírus e Youthone. Os workshops ficaram a cargo da Circus Network e do artista Youthone que transpôs o graffiti para T-shirts personalizadas com spray e stencil.

A atenuação do conservadorismo portuense, juntamente com o enobrecimento da street art, foram importantes contributos para uma sociedade mais inclusiva, mais diversificada, logo mais livre e mais democrática.

Porém, na opinião dos artistas, estas iniciativas não são suficientes. De acordo com a publicação “Arte urbana no Porto: um programa que (ainda) não convence todos” do JPN - JornalismoPortoNet da Universidade do Porto, em 13.4.2017, a fundadora da Circus Network, Ana Castro, comenta que “está a faltar na cidade paredes abertas onde os artistas possam experimentar, crescer e desenvolver o seu próprio estilo”. Também Hazul, um dos artistas mais conhecidos e com maior presença na cidade, declara nesse mesmo artigo:

Foram feitos mais um ou dois murais e pequenos eventos, que não são propriamente significativos, ou que se possa dizer que aquilo se chama um programa, portanto são coisas que são irrisórias do ponto de vista de uma cidade com a dimensão do Porto.

Para ele, o problema é a falta de ação e resposta às propostas e sugestões dos artistas.

Já Godmess apresenta o exemplo a seguir:

A Câmara de Lisboa - que faz logo aqui uma diferença descomunal para o Porto - tem um próprio departamento, que é a GAU, a galeria de arte urbana, que trata de todos estes assuntos dedicados à arte urbana. Aqui tem de haver um departamento capaz de tomar decisões e que tenha um planeamento mais ritmado, com mais coisas, que se faça um planeamento a longo prazo e que eu acho que é uma coisa fácil. É só olhar para o lado.

E ao olharmos para o lado, são visíveis as várias ações que ocorreram nos outros municípios do Grande Porto.

Gaia

O Fórum internacional de artistas e pensadores, “Gaia Todo um Mundo”, é a marca que pretende conferir notoriedade nacional e internacional ao concelho de Gaia.

Conforme divulgado na página oficial da Câmara Municipal: “Gaia Todo um Mundo como uma oferta da diversidade, da discussão de ideias, da criação, da demonstração, de uma Gaia de movimento cosmopolita; um cais ligado ao planeta”, no qual também está inserida a arte urbana. O ponto de encontro e de festa das artes teve a sua primeira edição em 2017, baseada nos temas das alterações climáticas, do desenvolvimento sustentável e da universalidade. Com curadoria de Lara Seixo Rodrigues do projeto Lata 65 e de Miguel Januário conhecido pelo projeto de arte urbana +MaisMenos-,^v uma iniciativa de intervenção crítica sobre as organizações políticas, económicas e sociais que governam as sociedades contemporâneas, teve a participação de vários artistas na dinamização da arte urbana na

zona histórica da cidade de Gaia. Contou com as intervenções de Bordalo II, Jaune, Mariana a Miserável, Nicolau, Pastel, Andreco, André da Loba, Cumul Collective, Fahr 021.3, Isaac Cordal, Marco Mendes e Third.



Figura 5. Gaia. Foto Luísa Silva, dezembro 2017

A edição 2018 foi dedicada à cooperação para o desenvolvimento sustentável. De acordo com a publicação da entidade oficial do GTM em 31.07.2018, a água foi a fonte de inspiração para as intervenções artísticas referentes às Artes Visuais:

As obras de arte que serão apresentadas pretendem contribuir para uma reflexão acerca da importância da água enquanto elemento essencial para a vida coletiva. Os núcleos previstos para a exposição são: Casa dos Ferradores, Convento Corpus Christi, Casa-Museu Teixeira Lopes, Centro Interpretativo do Património da Afurada, Armazéns da Sogrape e três muros da cidade. A mostra contará com a participação de um número alargado de artistas, nacionais e internacionais, em que se destaca a participação do artista plástico Rigo23, uma mostra de pintura com a participação de Pedro Calapez entre outros, do coletivo belga Soil Collective (Ans Mertens, Rik Peeters, Remko Van der Auwera e Tom Hallet) e da dupla Nuno Barroso e Veronika Spierenburg que, entre outras questões, exploram o contexto das artes piscatórias.

Maia

No norte do país, em setembro de 2013, a edilidade da cidade da Maia promovia um evento internacional de graffiti denominado “Just writing my name”, no qual participaram cerca de 30 artistas nacionais e estrangeiros. Inserido no “Maia, Cidade em Performance”, nome da exposição interdisciplinar de artes e iniciativa do pelouro da Cultura da Câmara da Maia. O Parque Central da Maia (junto à estação do metro Fórum Maia) recebeu intervenções de Esko, Hoer, Atek da Bélgica, Short, Zepo da França, Tikky, Riot, Elmas da Holanda, Kine, Len, Junior da Itália, Nask do Luxemburgo e Ram, Mar, Nomen, Third, Go Mes, Contra, Virus, Draw, Fedor, Mr. Dheo, Okerland, Mesk, Ekyone e Koress 270 de Portugal.



Figura 6. Parque Central da Maia. Foto Luísa Silva, maio 2018

Replicado no ano seguinte, o “*Just writing my name*”, contou com intervenções nos cubos de sustentação das claraboias e na rampa de estacionamento. Organizado pela artista Teresa Rafael, conhecida no mundo da street art como Rafi, contou com as parcerias da EM, Empresa Metropolitana de estacionamento da Maia e a empresa de materiais para pintura e tintas de spray Montana Cans.



Figura 7. Parque Central da Maia. Foto Luísa Silva, maio 2018

Nesta segunda edição colaboraram 20 artistas, o brasileiro Utopia, o francês Lenz, os alemães Atomone, Babakone e Klark Kent, os espanhóis Dashone, Sax e Zoeroner e os portugueses, Colectivo RUA, Costah, Dezanove19, EKV, Fokus, Dtail, Godmess, Kores 270, Mr Dheo, Pariz One, Third, Transa e Walk, consolidando a cidade da Maia como um dos pontos de referência do roteiro mundial de Arte Urbana.

Vila do Conde

A edilidade de Vila do Conde também decidiu incorporar a arte urbana na sua programação cultural. Em 2014, a cidade de Vila do Conde celebrou pela primeira vez o Dia Nacional do Pescador. A Câmara Municipal, juntamente com a Bind’ó Peixe - Associação Cultural, uma coletividade promotora da valorização cultural e defesa do património material e imaterial das comunidades de Caxinas e Poça da Barca, decidem realizar nestas localidades intervenções de arte urbana. Os convidados para esta primeira experiência foram cinco nomes sonantes da street art nacional: Colectivo Rua (Oker, Draw, Fedor e Alma) e Third, cujas intervenções, numa casa devoluta na Rua da Praia, evocam a ligação desta comunidade ao mar.

No ano seguinte, o Município de Vila do Conde assinala os 100 anos da presença dos artistas plásticos Sonia e Robert Delaunay em Vila do Conde, com a execução de um mural na artéria que tem os seus nomes, no alçado do Centro Escolar Bento de Freitas. A conceção artística é da conceituada artista vilacondense Isabel Lhano, mas o mural é executado por Manuel Martins, “Meonerock”, e Arménio Torres. Estes autores são chamados em 2016, para um novo trabalho de arte urbana, o Mural aos Pescadores de Caxinas. A homenagem é simbolizada através dos elementos identificadores e essenciais à atividade piscatória, as mãos, os cabos, os barcos e o mar.



Figura 8. Mural das Caxinas. Foto Luísa Silva, outubro 2017

No mesmo ano, o mar e as várias atividades a ele associadas, são novamente evocados no mural com cerca de 500m² nas instalações da antiga Seca do Bacalhau. Aqui, tanto a conceção artística como a execução são da autoria de Isabel Lhano, com a colaboração do Núcleo de Arte Urbana de Vila do Conde: Marco Castiço, Miguel Pipa e do seu filho, Luís Costa. Esta intervenção com forte ligação à comunidade é a materialização estética das mulheres que ali trabalhavam na salga e na secagem do bacalhau, realçada pela frase de Valter Hugo Mãe: “Este foi o mar das mulheres. Aqui se glorificaram e aqui naufragaram”.



Figura 9. Mural da Seca do Bacalhau. Fotos Luísa Silva, outubro 2017

Valter Hugo Mãe, cujo rosto foi esculpido pelo artista Alexandre Farto, conhecido por Vhils, no piso de betão do molhe da Senhora da Guia, assinalando a sua participação no documentário "O sentido da vida"^{vi} de Miguel Gonçalves Mendes.



Figura 10. Molhe Sra. da Guia. Foto Luísa Silva, outubro 2017

Conforme sublinhado na página do portal da Câmara Municipal, esta obra deixa “assim gravada, num local simbólico da cidade, uma peça artística que une três dos mais importantes nomes da cultura portuguesa, com reconhecimento internacional nos campos da Literatura, do Cinema e das Artes Plásticas.”

No âmbito da revitalização dos espaços abandonados ou edifícios devolutos, a edilidade vila-condense tem promovido a arte urbana nos contextos culturais próprios do território em que se inscrevem. É exemplificativa a criação de eventos, nos quais é dada a todos os jovens a oportunidade de participarem no embelezamento do espaço público, democratizando a arte urbana e tornando-a mais próxima da comunidade.

Matosinhos

No concelho de Matosinhos, mais precisamente em Leça do Balio, encontramos o maior mural de arte urbana do norte do país.



Figura 11. Mural da Lionesa (vista parcial). Fotos Luísa Silva, outubro 2017

Tratou-se de um projeto entre empresas e a Câmara Municipal conforme a publicação de 14.04.2014, no site oficial da edilidade:

[...] A pintura ao vivo do “Mural da Rua da Lionesa”, iniciada dia 6 de março, ficou concluída, tal como previsto, dia 11 de abril, data em que foi inaugurada pelo Presidente da Câmara Municipal de Matosinhos, Dr. Guilherme Pinto.

“Hoje estamos a celebrar a criatividade”, manifestou o edil.

Pela primeira vez, 10 artistas de norte a sul de Portugal juntaram-se para criar o maior projeto de Graffiti/Street-Art do norte do país, em Leça do Balio, Matosinhos. Caos, Colectivo Distopia, Draw, Mr. Dheo, Third, Mar, Mário Belém, Nomen (nacionalidade angolana), Ram e Utopia (nacionalidade brasileira) foram alguns dos artistas de renome internacional que participaram neste evento de arte urbana. Localizado na Rua da Lionesa, o muro pertencente à Unicer, tem aproximadamente 1400 m2. A

intervenção do coletivo de artistas retratou a história da cidade de Matosinhos, a evolução da Lionesa e o processo de produção da cerveja Super Bock (Unicer), proporcionando uma experiência visual completa.

Este projeto de Street Art tornou-se um marco na cultura urbana em Matosinhos como em toda a zona norte de Portugal. “Antes de estar concluído, o mural era já motivo de visita obrigatória. Este mural vai ficar para sempre ligado a Matosinhos e à Frente Atlântica. O que se passa nas cidades é que temos que nos reinventar todos os dias. A boa relação entre as empresas e o tecido urbano é uma estratégia fundamental”, frisou o autarca. Com a criação do “Mural da Lionesa”, o Centro Empresarial da Lionesa pretende incluir esta iniciativa no projeto de turismo industrial, ficando a pertencer à Rota Turística do Norte do País, potenciando a oferta turística de Matosinhos.

Em 2016, já tinham sido intervencionados 6 locais englobados no projeto Street Art Matosinhos - Up There, em parceria com o Centro Empresarial da Lionesa e no âmbito da programação da Capital da Cultura do Eixo Atlântico 2016, título atribuído nesse ano à cidade de Matosinhos. As fachadas da Escola Secundária Augusto Gomes e zona envolvente, as fachadas da Escola do Estádio do Mar, do Hotel Amadeos, do Bairro de Carcavelos, do Bairro da Biquinha e a rua da Lionesa impulsionaram não só o movimento da street art, como também a democratização da arte no concelho.



Figura 12. Bairro de Carcavelos. Foto Luísa Silva, janeiro 2018

No verão de 2018, como incentivo à circulação pedonal e de bicicleta e contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida urbana, a autarquia de Matosinhos promoveu o projeto de arte urbana “Se esta rua fosse mar”. Em parceria com a Escola Secundária Augusto Gomes, a Idiot Mag^{vii} e o Coletivo RUA^{viii}, o projeto deu cor ao piso de quatro ruas da cidade, “conciliando a arte urbana, a segurança rodoviária e a mobilidade sustentável na cidade”. Organizado pela Câmara Municipal, o projeto “Arte fora do sítio” é um evento anual de artes de rua que se consolidou na agenda cultural de Matosinhos. As várias performances artísticas no qual está incluído o graffiti, captam um público multigeracional numa lógica de investimento em cultura e coesão social, bem como um papel preponderante na consolidação dos valores e da tolerância para o diálogo intercultural.

Senhora da Hora

Foi também em 2016 que arrancou na cidade da Senhora da Hora o projeto “Flash”. O seu mentor, Filipe Granja, conhecido como mynameisnotSEM, pretendeu revitalizar as traseiras vandalizadas do estádio do Sport Clube da Senhora da Hora. Conforme relata em 22.05.2017, numa entrevista ao jornal Público: “Juntou-se o útil ao agradável. Eu precisava de um muro e eles de o recuperar”. Com a premissa de dar espaço a writers do Grande Porto ou residentes na área, como é o caso dos internacionais, hoje, temos a possibilidade de ver intervenções de Bella e Heitor Corrêa (Brasil), Phama (EUA), Bruno Lisboa, Mesk, Mariana PTKS, Godmess, Paulo Boz, Hazul, Dub, YouthOne, Vírus, Mr. Dheo e do coletivo RUA, composto por Contra, Frederico Draw e Oker.



Figura 13. Muro SCSH (vista parcial). Foto Luísa Silva, janeiro 2018

Apesar de ter sido uma iniciativa privada, cujas despesas ficaram a cargo dos artistas, tratou-se, no entanto, de uma oportunidade para mostrarem as suas obras, e nelas, os diferentes estilos da arte urbana. À parte das poucas intervenções de arte urbana, como é o caso do muro do SCSH, das paredes do Centro Cultural e da escola primária do Estádio do Mar, a Senhora da Hora é essencialmente uma cidade de graffiti.

Graffiti is a form of communication between teams of graffitiers, it is an internal and secret language. Most graffiti are not readable by the general public, they are contained in the culture that produces and decodes them. Street art is much more open and intentionally the toward pictorial content communicates with a large circle of people” (in Cedar Lewisohn, Street Art: The Graffiti Revolution. NewYork: Harry N. Abrams, 2008: 15).

Podemos constatar esta observação no site <https://streetartcei.com/> Rota da Senhora da Hora, fruto do trabalho de campo efetuado pelos investigadores do Centro de Estudos Interculturais do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, projeto que integro.

“We must not forget that the city is a communication environment par excellence, a site of exhibition and visibility. Metropolitan areas are strategically used by the political power to gain visibility, but also to carry out surveillance; expertly used by economic power to advertise goods and services; strategically exploited by counter-powers to disseminate subversive slogans.” (Campos, 2014: 4)

A profusão de assinaturas codificadas, ilustrativas da comunicação entre graffitiers, são, para além de um reconhecimento visual da sua presença, um gesto de afirmação pelo direito à cidade. Tal como defende Ricardo Campos: “the different inhabited territories inform us about how resident communities live, about the type of social relations they establish, how they use and transform the land, how they occupy space, etc.” (Campos, 2014: 4).



Figura 14. Parque Dr. João Gomes Laranjo. Foto Luísa Silva, janeiro 2018

Uma comunidade jovem, cuja juventude se revela de forma espontânea e marginal ao pintar as paredes e muros da cidade. “*Graffiti and street art are undeniably part of these dynamics. These particular forms of expression are deeply tied to young people*” (Campos e Sarmiento, 2014: 14).

Nota final

A contextualização do graffiti e da street art permite conotá-los com liberdade de expressão e criatividade. O seu poder artístico e comunicacional é uma alternativa à standardização e à mediatização comercial, transformando a forma como vemos e participamos, social e culturalmente a cidade. No entanto a proficuidade do graffiti e da street art é, dentro da cidade, um conflito que ainda não terminou, uma vez que só adquire legalidade com a condição de ser pensada e integrada em qualquer discurso delimitado e institucionalmente ideal, confirmando assim a expressão de Ricardo Campos “A ilegalidade torna-se então, sinónimo de transgressão e subversão, enquanto a legalidade se converte, cada vez mais, em gesto artístico.” (Campos, 2010: 121).

Estes são alguns exemplos das ações realizadas, através das criações estéticas de graffiti e street art. Além de requalificarem o espaço urbano, contribuem igualmente para a dinamização cultural e diversificação turística da cidade.

No panorama da contemporaneidade, o “gesto artístico” cruza-se no movimento da turistificação global. Aliás, esta simbiose turismo-produtos culturais, faz parte do processo emergente e consumista da globalização, no qual as cidades portuguesas, conforme pudemos constatar, não são exceção.

Referências

- Campos, R. (2010). *Porque Pintamos a Cidade? Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Lisboa: Fim de Século.
- Campos, R. (2018). The Crisis on the Wall – Political Muralism and Street Art in Lisbon. Em I. David, *Crisis, Austerity, and Transformation - How Disciplinary Neoliberalism Is Changing Portugal* (pp. 109-132). Lanham: Lexington Books.
- Campos, R., & Sarmiento, C. (2014). *Popular and Visual Culture. Design, Circulation and Consumption*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- CM Gaia, “Gaia todo um mundo”. Publicação de 23.5.2017. Disponível em: <http://gtm.cm-gaia.pt/pt/>
- CM Gaia, “Gaia Todo um Mundo dedicado à cooperação para o desenvolvimento sustentável”. Publicação de 31.7.2018. Disponível em: <http://www.cm-gaia.pt/pt/noticias/gaia-todo-um-mundo-dedicado-a-cooperacao-para-o-desenvolvimentosustentavel>
- CM Maia, Institucional: “Just writing my name 2014”. Disponível em: https://www.cm-maia.pt/pages/578?event_id=73
- CM Maia: Maia cultura, “Just writing my name - International graffiti session na Maia”. Disponível em: <http://www.cultura.maiaidigital.pt/noticias/just-writing-my-name-international-graffiti-session-noparque-central-da-maia>
- CM Matosinhos, Notícias. “Murais em Matosinhos- Projeto de arte urbana *Up There*”. Publicação de 12.07.2016. Disponível em: http://www.cm-matosinhos.pt/frontoffice/pages/242?news_id=4273

- CM Matosinhos, Notícias. “Mural da Lionesa concluído”. Publicação de 14.04.2014. Disponível em: http://www.cm-matosinhos.pt/pages/242?news_id=2908
- CM Matosinhos, Notícias. “Se Esta Rua Fosse Mar”. Publicação de 26.07.2018. Disponível em: http://www.cm-matosinhos.pt/pages/242?news_id=5671
- CM Porto, Porto Lazer, Agenda, “Convocatória para intervenções artísticas na rua da Restauração”. Disponível em: <http://www.portolazer.pt/agenda/open-call-mural-da-restauracao>
- CM Porto, Porto. Notícias, “Mercado de Arte Urbana volta a invadir o Edifício AXA”. Publicação de 11.06.2015. Disponível em: http://www.porto.pt/noticias/mercado-de-arte-urbana-volta-a-invadir-o-edificio-axa_2
- CM Vila do Conde, Notícias. “Art4480 – arte urbana em Vila do Conde a 20 e 21 de maio”. Publicação de 17.05.2017. Disponível em: http://www.cm-viladoconde.pt/frontoffice/pages/655?news_id=3780
- CM Vila do Conde, Notícias. Publicação de 29.08.201. Disponível em: http://www.cm-viladoconde.pt/frontoffice/pages/655?news_id=3176
- CM Vila do Conde, Notícias. “Rosto de Valter Hugo Mãe esculpido no molhe da Sr.ª da Guia”. Publicação de 09.01.2015. Disponível em: https://www.cm-viladoconde.pt/pages/655?news_id=2089
- CM Vila do Conde, Publicação de 29/05/2014. Disponível em: http://www.cm-viladoconde.pt/uploads/writer_file/document/1388/20140529170217842607.pdf
- Coentrão, A. (2014). “Executivo de Rui Moreira muda a agulha e abre os braços à arte urbana”, Público 28.04.2014. Acedido em 16.10.2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/04/28/local/noticia/executivo-de-rui-moreira-muda-a-agulha-e-abre-os-bracos-a-arte-urbana-1633916>
- Coentrão, A. (2014). “Uma rua dentro de portas, no coração do Porto”, Público 01.05.2014. Acedido em 16.10.2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/05/01/local/reportagem/uma-rua-dentro-de-portas-no-coracao-do-porto-1634272>
- Costa, A. e Castro, I. (2017). “Arte urbana no Porto: Um programa que (ainda) não convence todos”. JornalismoPortoNet 13.04.2017. Acedido em 16.10.2018. Disponível em: <https://jpn.up.pt/2017/04/13/arte-urbana-no-porto-um-programa-ainda-nao-convence/>
- Cruz, V. (2014). “Arte urbana sobe às paredes no Porto”, Expresso 10.9.2014. Acedido em 16.10.2018. Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/arte-urbana-sobe-as-paredes-no-porto=f888842#gs.TYit2c>
- CulturALL Cultura para todos. Acedido em 16.10.2018. Disponível em <https://culturall.blogs.sapo.pt/street-art-axa-porto-170888>
- Diário da República, 1.ª série — N.º 162 — 23 de agosto de 2013. Consultado em 12.10.2018. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/499057/details/maximized>
<http://www.portolazer.pt/noticias-porto-lazer/mercado-de-arte-urbana-volta-a-invadir-o-edificio-axaem-junho>
- Lacerda, F. (2013). HipHopWeb. “Just writing my name na Maia [2013-09-21 22]”. HipHopWeb 24.09.2013. Acedido em 20.10.2018. Disponível em: <http://hiphopweb.org/index.php/reportagens/1784-just-writing-my-name-na-maia-2013-09-21-22>
- Lusa (2015). Miguel Gonçalves Mendes inicia viagem pelo mundo para filme "O sentido da vida". Público 12.01.2015. Acedido em 20.10.2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2015/01/12/p3/noticia/miguel-goncalvesmendes-inicia-viagem-pelo-mundo-para-filme-o-sentido-da-vida-1822394>
- Mural aos pescadores de Caxinas. Trabalho executado para a CM Vila do Conde. Agosto 2016. Acedido em 20.10.2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/meonerock/photos/obrigado-david!-mural-aos-pescadores/666862303466974/>
- P3 “Os heróis nas paredes de Vila do Conde”. Público 18.05.2017. Acedido em 20.10.2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/05/18/p3/fotogaleria/os-herois-nas-paredes-de-vila-do-conde-387305>
- Veludo, F. (2014). “Just writing my name para colocar a Maia no mapa”, Público 30.09.2014. Acedido em 16.10.2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/09/30/p3/fotogaleria/just-writing-my-name-para-colocar-a-maia-no-mapa-384522>
- Vieira, André B. (2017). “Trump, Putin e Kim Jong-un revelam os trunfos numa parede da Senhora da Hora”, Público 22.05.2017. Acedido em 22.10.2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/05/22/local/noticia/trump-putin-e-kim-jongun-revelam-os-trunfos-numaparede-da-senhora-da-hora-1772837>

ⁱ RU+A é um projeto de implementação de arte urbana e participativa no espaço público. Fonte: <https://www.publico.pt/2014/01/13/local/noticia/mural-gigante-e-legal-esta-a-nascer-na-rua-de-miguel-bombarda-1619546>

ⁱⁱ A Circus Network é uma galeria de street art e ilustração localizada na Rua do Rosário no Porto. É um espaço de coworking, agência e galeria, criada pelos artistas André Carvalho, Ana 'Muska' e Lara Luís, com o intuito de promover a arte portuguesa. Fonte: circusnetwork.net/

ⁱⁱⁱ Informação prestada por Diana Krüma da comunidade escolar da ESE e autora de um azulejo no mural “Quem és, Porto?”

^{iv} Lata 65 é um projeto da arquiteta Lara Seixo Rodrigues que ensina arte urbana a idosos. Fonte: <https://www.natgeo.pt/genius/2018/05/lata-65-desafiando-velhice-com-arte-urbana>

^v ±MaisMenos± Projeto de arte urbana. Fonte: <http://maismenos.net/>

^{vi} O elemento determinante deste documentário é a paramiloidose, doença genética vulgarmente conhecida como “doença dos pezinhos”. Com origem nesta região, foi disseminada pelo mundo desde o período dos Descobrimentos. Fonte: <https://www.publico.pt/2015/01/12/p3/noticia/miguel-goncalvesmendes-inicia-viagem-pelo-mundo-para-filme-o-sentido-da-vida-1822394>

^{vii} Idiot Mag - Magazine, Design Studio, Cultural Agent, é entre outras atividades, um gabinete de produção de eventos culturais. Fonte: <https://pt.linkedin.com/company/idiot-mag>

^{viii} RUA é um colectivo de artistas multidisciplinares proveniente do Porto, cujo processo criativo se desenvolve através da pintura (graffiti), design gráfico, ilustração, fotografia, escultura, música, ect. Criado em 2006 é actualmente constituído por 7 elementos Alma, Unmade, Draw, Fedor, Mash, Oker e Third. O trabalho do coletivo tem-se desenvolvido em duas secções. Por um lado, o desenvolvimento de projectos artísticos (exposições, instalações) a solo ou coletivamente. Em paralelo, trabalha com algumas marcas e produtores de eventos artísticos: Projeto ocasionais, desenvolvimento de conceitos artísticos, performances ao vivo em eventos e festivais. Fonte: <https://www.facebook.com/COLECTIVORUA/>